Adozinda poemita de Almeida Garrett ~~por~~ compuesto en los tres meses que estuvo preso en 1827, y publicado en Londres 1828 ~~E~~ Esta calcado sobre el romance de A Silvana o Silvaninha (padre enamorado de su hija), y es el primer ensayo de restaurar la perdida nacionalidad de la literatura patria acudiendo a la inspiración del romancero (v. Adozinda en Obras Completas VI 1904 p. 26. y Romanceiro Obras Completas VII 1904 p. 111-112 a propósito de Bernal Francez

DOC 116

Para D. R. Menéndez Pidal

DOC 119

Passeava-se Silvana por um corredor um dia...

Eu Francisco Manuel de Mello, O fidalgo aprendiz, pág. 32, cit. por Rudolfo Gomes, Rev. de Philologia e de Historia, 1934, II, 323

Doc 120
p1



glosas. Pelo menos, Jorge Ferreira de Vasconcellos alude a várias na sua *Ulysipo*. (Acto V, Scena 7, f. 256 v). Como de costume, é da boca de um escudeiro que sae a seguinte apreciação irónica e grosseira do talento de um seu camarada:

Que dizeis agora, monseor de la capa roxa? Este meco não he de uns porretas que grosam *Retrahida está la Infanta?* e *Pera qué pariste, madre?*

António Prestes aproveitou o primeiro octonário á sua maneira, a fim de dar um tom grotesco a uma banalidade. A um moço que não lhe abre a porta logo logo, é lançada a pregunta:

*Tão fechado?*
*tão Retraida está la Infanta?* (p. 230).

## XXXIV

Não muito menos divulgado é modernamente (1), e parece tê-lo sido já em 1640, o romance de *Silvaninha* (2); de tema antipático, mas impressivo: o amor incestuoso de um pae brutal e tirano, e o cruel martirio da filha, presa numa torre, e morta a fome e sede (3), sem que nenhum dos irmãos, nem a própria mãe lhe possa valer. Mas nenhuma redacção antiga castelhana se encontra. Nem ha (que eu saiba) referência alguma que ateste a sua existência além das fronteiras. A mais antiga menção do verso inicial:

[82] *Passeava-se Silvana por um corredor um dia,*

(1) No *Romanceiro Geral* de T. Braga (p. 447-488) ha doze versões. Em territórios castelhanos colheram-se: tres nas Astúrias (N.os 74-76. *Antologia* X p. 126); várias na Catalunha (Milá N.º 272 p. 261); duas em Tánger (98-98); uma na América do Sul (Montevideo; N.º 20). E na própria Castela (Burgos: vid. D. Maria Goyri, N.º 26) tambem já se encontrou. Creio que tambem na Galiza.

(2) Vid. *Antologia* X 131, metrificação de uma novela?

(3) Pão por onça e agua salgada (ou: çumo de laranja).

p.2



encontra-se, á *portuguesa*, no *Auto do Fidalgo Aprendiz* (1), de D. Francisco Manuel de Mello (2), numa das scenas (estereotípicas desde a *Rubena* de Gil Vicente), em que se enumeram cantigas e romances tradicionaes ou da moda. D'esta vez é a donzela que incita o pretendente a tanger viola e a cantar.

BRITES. Entoai por meu prazer
qualquer cousa.
D. GIL. Sem guitarra?
Ei-la! Tomai! *(Dá-lhe huma viola, tange como que quer cantar).*
D. GIL. *Pois que não posso al fazer...*
BRITES. Ai! que canta e não escarra!
D. GIL. Ora ei-lo vai! *(Canta D. Gil o melhor que pode o que se segue).*
*Passeava-se Silvana*
*por hum corredor hum dia...*
BRITES. Ai senhor! en não queria
senão letra castelhana!

---

(1) Menéndez Pelayo afirma repetidas vezes que o autor português citava um texto *castelhano*, e imprime em conformidade

*Paseabase Silvana por un corredor un dia*

(*Antologia* X 130 2 236; XII 514). Certamente não recorreu á edição original (*Obras Métricas* 1665, Vol. II 247). Aliás, teria reparado nos pequeninos traços que distinguem o idioma occidental, e nos ditos da protagonista que, descontente com o cantar escolhido, declara expressamente:

*Ai, senhor, eu não queria*
*senão letra castelhana,*

documentando assim que as que ouvira até então fôram letras portuguesas. Vid. Almeida-Garrett (II 105), que já havia elucidado este ponto.

(2) Vale a pena lembrar que D. Francisco Manuel foi tambem um dos primeiros letrados portuguêses que registaram o assunto de contos populares. Nas *Cartas Familiares* (V, 7) dizia em 1649: *Eu cuido que virei a ser aquela dona atrevida doce na morte, agra na vida que nos contam quando pequenos*: Em outro lugar (II, 63), refere-se á *Historia do Salsinha* que não havia de dizer *sim* nem *não*. Faria e Sousa, seu coévo, mencionou a *História das tres cidras do amor* (nas *Rimas de Camões*, Vol. V p. 246) e antes d'ele Simão Machado citára a mesma (na *Comedia de Diu*, impressa em 1631 em 2.ª ed.).

D. GIL. Cantarei algaravia,
se mandais. Pois que quereis?
BRITES. Uma letra nova quero.
D. GIL. *A cazar va el caballero...* (*Canta*).
BRITES. Ai mãe! acinte o fazeis!
por isso eu me desespero.
D. GIL. Ora estai! que já entendo!
Quereis romances trovados!
*Mis amorosos cuidados*
*como se estaran durmiendo.*
BRITES. Isto foram meus pecados!
Vós cuido que estais zombando!
Ora dizei!
D. GIL. Já me estanco!
*Gavião, gavião branco*
*vai ferido e vai voando...*
BRITES. Huy ¡pelo pássaro manco!
Sabeis algũa *ao divino?*
D. GIL. Sei.
BRITES. Dizei.
D. GIL. Pois é famosa:
*Andorinha gloriosa...*
BRITES. Tendes cousas de menino...
D. GIL. Sou todo amor, minha rosa! (1).

(1) Na nova edição, revista por Méndez dos Remedios (Coimbra, 1878), não ha notas sobre as diversas poesias, apontadas nesta scena.

160

5

Col. Torner - León
Babia y Laciana 1916

Tres hijas tenía el rey
estimadas y queridas
una se llama doña Ana
y el otra doña María
y el otra doña Silvana
que era la flor de Castilla
Un día estando su padre
desde la sala de arriba
mirando pa la Silvana
desta manera decía:
— Oh! qué guapa eres Silvana
oh qué hermosa tú hija mía
Cómo pudiera dormir
un día en tu compañía
— Y las penas del infierno
padre ¿quién las pensaría?
— Siete vueltas en 'l infierno
yo por tí bien las daría
— Malhaya sean las madres
que paren hijas tan lindas

161

6

Bien la oyera la su madre
desde la sala de arriba
— Tú que tienes la Silvana
tú qué tienes hija mía?
— Que el pícaro de mi padre
pretende la honra mía
— No te apures Silvanita
que eso yo lo arreglaría
Vertiré yo la tu sopa
y tú vertirás la mía
yo me acostaré en tu cama
y tú acuestáte en la mía
Cuando vayas a acostarte
no olvides vela encendida "
El rey desque la logró
desta manera decía:
— Ahora mira la Silvana
mira tu honra perdida